



RESENHA:

ALESSANDRO CARVALHO. *De Davos para o Planeta – A globalização pelo Fórum Econômico Mundial*. Rio de Janeiro, 2005, 342 pgs. (14 ½ x 21 cms).

O autor, aluno do Curso de Mestrado em Antropologia e Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, transformou em livro a sua dissertação, que defendeu nessa Universidade em dezembro de 2002, sob a orientação do professor René Armand Dreifuss, já falecido. No prólogo à obra, o autor define o marco epistemológico no qual se desenvolveu a sua pesquisa, com as seguintes palavras: “O meu trabalho (...) se movimentou dialeticamente a partir de um fenômeno particular, o Fórum Econômico Mundial, desde a sua criação em 1971 com o nome de Fórum de Gerenciamento Europeu, até o atual cenário econômico, político e sociocultural do Capitalismo, generalizado como um movimento de expansão da Civilização Ocidental, no qual o Fórum Econômico Mundial está inserido. Para contextualizar o Fórum em uma dinâmica historicamente mais universal, foi utilizado um esforço interdisciplinar com base na minha formação acadêmica de cientista econômico, jurídico, social e político, além de alguns conhecimentos de História e de Filosofia. O eixo central ao longo de toda a argumentação, que versa

tanto sobre o Fórum Econômico Mundial em si, quanto sobre o universo civilizatório ao qual pertence, tem um caráter exclusivamente filosófico, incorporando uma parte considerável da produção intelectual realizada pela primeira grande formação de pensadores da Escola de Frankfurt” (p. 4-5).

A obra consta de Prólogo, Introdução, Parte 1 (“Aspectos Históricos Mundiais”, com os seguintes itens: a desfragmentação europeia, o Capitalismo a partir do Atlântico Norte, *Think Tanks* e a questão pragmática do poder). Parte 2 (“Aspectos Históricos do Fórum Econômico Mundial”, com os seguintes itens: a iniciativa europeia, de Davos para o planeta e o futuro corporativo programado). Parte 3 (“A estrutura do Fórum Econômico Mundial”, com os seguintes itens: organização e administração do Fórum Econômico Mundial, membros e parceiros do Fórum Econômico Mundial e sobre a supranacionalidade política, as iniciativas do Fórum Econômico Mundial).

Para o autor, tudo está visceralmente ligado no Universo: a Economia, a Astronomia, a Física Quântica, etc. O pressuposto de que parte e à luz do qual analisa as hodiernas relações econômicas que ensejaram o fenômeno da Globalização, é a Teoria da Dependência, formulada nos anos sessenta do século passado por Fernando Henrique Cardoso e seguida religiosamente por críticos contumazes do processo de desenvolvimento brasileiro como Theotônio dos Santos, Enzo Faletto, Celso Furtado, etc. A essência da mencionada teoria seria, em resumo, a seguinte: somos pobres porque tem países ricos lá fora. Os teóricos da Dependência ancoraram preguiçosamente no postulado mercantilista, de acordo com o qual o jogo econômico é um procedimento soma zero: a riqueza das nações já está pronta e, para alguém se enriquecer, precisa se apropriar daquilo que os outros acumularam. O jogo econômico internacional seria constituído por uma eterna dialética de exploradores e explorados. Teoria muito primitiva para explicar

o complexo mecanismo da economia globalizada. Não por outro motivo Fernando Henrique, quando se viu guindado à condição de presidente do Brasil e teve de administrar o Plano Real elaborado pela sua equipe, teve de pedir que esquecessem tudo o que tinha escrito. A concepção mercantilista foi substituída pela visão macroeconômica, formulada por Adam Smith, no final do século XVIII, na sua obra *A riqueza das Nações*. À luz da teoria do mestre escocês, para alguém enriquecer não precisa tirar de quem já possui: basta criar a riqueza mediante a sua inteligência aplicada à transformação do mundo pelo trabalho. Esse é o pano de fundo, aliás, em que o próprio Marx elabora a sua teoria macroeconômica em *O Capital*, estabelecendo, evidentemente, os corretivos que conhecemos em relação à exclusiva apropriação, pelos proprietários dos meios de produção, da mais valia.

Ao pretender explicar as relações econômicas contemporâneas a partir do pressuposto mercantilista, o autor incorre numa posição que poderíamos qualificar de “filosofia do ressentimento”. Tudo conspira contra nós. É a melhor forma de ficar chorando lamúrias e não tomar providências para arrumar a casa, num momento em que a complexidade e a agressividade do jogo econômico globalizado nos exige racionalização do gasto público, aumentos significativos dos gastos em educação e em obras de infra-estrutura, responsabilidade fiscal, etc., a fim de fazermos frente à competição dos outros países emergentes, que abocanham cada vez mais fatias de um mercado que poderíamos pôr a nosso serviço. Tudo, no cenário internacional conspira em favor dos poderosos e em detrimento dos fracos. Tudo, até a Física Quântica, que é perversamente formulada pelos cientistas do mundo desenvolvido para nos manter no atraso. Eis um trecho de rara confusão, digno do angu epistemológico de Estanislau Ponte Preta, tirado da conclusão da obra em apreço: “Esse esforço interdisciplinar, que conjuga Física e Arquitetura, sob o Capitalismo Global, tem uma repercussão mundial pelo renome dos cientistas envolvidos. Alguns físicos britânicos, entre eles, Stephen Hawking, atual ocupante

da cadeira universitária outrora na posse do físico judeu de origem inglesa Isaac Newton, acreditam que o Universo físico assume uma forma geométrica fechada em termos quânticos. De acordo com Hawking, um aspecto de casca de noz na sua totalidade. Para eles, a combinação universal de matéria e antimatéria apresentaria, segundo a subjetividade quântica britânica, um sistema hermeticamente isolado, com uma expressão aproximadamente redonda, assim como uma casca de noz. Fazendo inferências científicas sem respaldo na realidade concreta, a partir de certos apontamentos teóricos da Física Quântica, provindos de uma leitura deformada da Teoria da Relatividade de Einstein, esses físicos britânicos também trabalham como arquitetos do capital” (ob. cit., p. 224-225).

Conclusão: o autor da obra *De Davos para o Planeta* abusa do recurso pouco acadêmico de fazer inferências ideológicas que em pouco esclarecem a complexidade da atual globalização econômica, se somando, assim, ao crescente coro dos aventureiros que pretendem pescar em águas turvas, possivelmente canalizando alguns milhões do parco orçamento brasileiro para duvidosas ONGS, que estão a fazer o seu agosto nestes tristes tempos de populismo irresponsável.

Juiz de Fora, 11 de Dezembro de 2006.

Ricardo Vélez Rodríguez